

O Evento do Livro Animado nas Bibliotecas Públicas

Jacinta Miranda Maciel

Universidade do Minho

Campus de Gualtar

4710-057 Braga

253 604 430

E-mail: maciel.jacinta@gmail.com

RESUMO

O Manifesto da Unesco sobre Bibliotecas Públicas enuncia doze missões-chave que devem constituir o âmago dos serviços das bibliotecas públicas. A primeira destas missões consiste na criação e no fortalecimento de hábitos de leitura desde a primeira infância. Os mediadores de leitura detêm esta importante responsabilidade. Devem, para tal, abraçar todos os pretextos para despertar para a necessidade de ler e para suscitar a vontade e o prazer de ler.

A leitura acontece de forma múltipla: nos ecrãs de diversos dispositivos e sob a forma impressa. As bibliotecas públicas devem ser capazes de integrar todas estas manifestações onde a leitura acontece. Mas a dúvida, por vezes, instala-se: onde começa o jogo? Onde inicia a leitura? A literatura infanto-juvenil, em particular, tem sabiamente conjugado as duas vertentes: a da aprendizagem e a da ludicidade, produzindo literatura de qualidade, nomeadamente, sob a forma impressa.

Neste artigo pretende ser explorada uma tipologia documental muito específica: o livro animado. Numa época em que o mundo virtual tem conquistado um lugar cada vez mais importante, a animação do livro impresso, em particular, no que à literatura para crianças e jovens diz respeito, representa uma renovada forma de dinamização das histórias.

Denomina-se, neste artigo, o termo livro animado para designar este género de documento, que existe desde a Idade Média e que se apresenta sob a forma de um livro tridimensional, em que o volume, a profundidade e o movimento animam o texto e as ilustrações. O livro animado oferece uma série de potencialidades ao nível da interatividade de leitura. Serão apresentadas, a riqueza e a diversidade do livro animado nas suas múltiplas dimensões: histórica, técnica, editorial, internacional e artística; potenciadoras de ações de dinamização de leitura junto dos leitores, contribuindo, desta forma, para o cumprimento da mais importante missão das bibliotecas públicas: a formação de leitores.

PALAVRAS-CHAVE: formação de leitores; promoção da leitura; livro animado

ABSTRACT

The UNESCO Manifesto on Public Libraries lists twelve key missions of the public library that shall be encompassed in the very core management of public library services. The first one is to create and strengthen reading habits among children from early age. The reading mediators hold this important responsibility. Therefore, they shall embrace all opportunities to awaken to the need to read and arouse the will and pleasure of reading.

Reading takes place in many forms: on the screens of various devices and in printed forms. Public libraries must be able to integrate all these demonstrations where reading happens. But some doubts may be raised: where does the game begin? Where does reading start? Both aspects -learning and playfulness- have wisely been combined in children's literature specifically; producing literature with quality, in particular, in printed forms.

In this paper, we intend to explore a very specific typology of document: the animated book. At a time the virtual world is conquering such an increasing space, the animation of the printed book, particularly as far as literature for children and youth is concerned, represents a form of renewed dynamism of the stories.

In this paper, the phrase animated book designates this type of document, which is existing since the Middle Age and which is presented under the form of a three-dimensional book, in which the volume, depth and movement animate text and graphics. The animated book provides a series of potential at the level of interactivity of reading. The richness and diversity of this type of book will be presented in its multiple dimensions: historical, technical, editorial, international and artistic ones; fostering actions to promote reading among readers, and thereby contributing to the fulfillment of the most important mission of public libraries: reader training.

KEYWORDS: reader training; reading promotion; animated book

As Bibliotecas Públicas constituem o meio por excelência de combate à ignorância. Neste paradigma, consubstanciam a sua razão de ser. A “porta de acesso local ao conhecimento – fornece as condições básicas para uma aprendizagem contínua, para uma tomada de decisão independente e para o desenvolvimento cultural dos indivíduos e dos grupos sociais” (MANIFESTO DA UNESCO SOBRE BIBLIOTECAS PÚBLICAS, 1994). Na publicação de divulgação dos resultados do projeto “Dar Vida às Letras: Promoção do Livro e da Leitura” distinguido em 2007 com o prêmio Europeu de Inovação na Promoção da Leitura atribuído pela *International Reading Association* é indicada “a valorização da literacia como meio incontornável para assegurar uma intervenção cidadã indispensável ao bem-estar e progresso” (GONÇALVES et al., 2007, 9). É na Biblioteca Pública que os cidadãos podem livre e criticamente aceder à informação, potenciar o conhecimento, numa luta permanente contra a ignorância. De forma brilhante, no ensaio: *Ignorância, apologia da ignorância positiva*, o seu autor declara: “A ignorância é, em nós, um inimigo a abater” (MIRANDA, [2012] *no prelo*).

Neste âmbito, e citando ainda o documento orientador das Bibliotecas Públicas que enuncia as doze missões-chave que devem constituir o âmago dos serviços, referimos a primeira destas missões: “Criar e fortalecer os hábitos de leitura nas crianças, desde a primeira infância” (MANIFESTO DA UNESCO SOBRE BIBLIOTECAS PÚBLICAS, 1994). Os mediadores de leitura detêm esta importante responsabilidade: formar leitores! Devem, para tal, abraçar todos os pretextos para despertar para a necessidade de ler e para suscitar a vontade e o prazer de ler. É através do cumprimento desta nobre missão das Bibliotecas Públicas que se combate a ignorância e se forma o leitor-cidadão, coadjuvando a escola. Gomes, citando o grupo Peonza indica: “O primeiro valor da leitura é o prazer que proporciona a quem a realiza. Só este objectivo bastaria para justificar plenamente a promoção de hábitos de leitura” (2007, 4).

No entanto, saber ler não é suficiente para adquirir o gosto pela leitura (POSLANIEC, 2010, 9). No primeiro de sete conselhos que este autor detalha para suscitar nos jovens a vontade de ler, é indicado que deve ser proposto um leque diversificado de publicações, porque ninguém sabe qual o livro que vai permitir a cada criança realizar o **encontro decisivo** (POSLANIEC, 2012, 12). Cabe ao mediador de leitura – na definição de mediador, proposta pela equipa da Casa da Leitura: “adulto significativo que faz a ponte entre o livro e as crianças e adolescentes no processo da sua formação como leitores autónomos” – favorecer este encontro determinante, com um livro, um género, uma personagem, uma coleção. Trata-se do **livro fundador**: o que foi associado pelos inquiridos ao “despertar do seu gosto pela leitura” (HORELLOU-LAFARGE citado por RIBEIRO, 2009, 14). Esta descoberta procede do domínio do íntimo, entre um leitor e um livro, o que não se compadece com a adoção, por parte dos bibliotecários, de procedimentos que mais não são do que práticas mais ou menos veladas de censura que “podem exercer muitas vezes sem se darem conta [...] quando decidem não comprar certos tipos de materiais que contradizem os seus pontos de vista” ou por pensarem que determinada informação deve ser escondida do público (MACIEL, 2004, 167). Para que o encontro decisivo entre um leitor e um livro aconteça,

deve ser dada primazia à mediação. Esta orienta, sugere, não impõe, não emite juízos de valor. O leitor é surpreendido: “ocasiões houve em que me senti mais empolgado com um qualquer “romance de gare” do que com algumas grandes obras da literatura mundial [...] livros cuja leitura me deu prazer ou abriu horizontes [...] E os livros que nunca li, que nunca lerei? Que perdi eu?” (NUNES, 1998, 352). Citando, por outro lado, o Tiago, no 6º ano: “agarro-me de tal maneira à leitura que levanto voo e entro neste fantástico mundo. Podem passar horas e horas que eu não dou por isso” (ROLO in RIBEIRO, 2009, 150). “Ler é, antes de mais, um exercício de sedução” (MARTINS citada por VIANA & MARTINS in RIBEIRO, 2009, 32). Tal como referimos, a descoberta decisiva com o livro fundador pertence ao domínio do íntimo. A definição de ler por prazer envolve precisamente esta dimensão intimista: “reading for pleasure refers to reading that we do of our own free will anticipating the satisfaction that we will get from the act of reading. It also refers to reading that having begun at someone else’s request we continue because we are interested in it. It typically involves materials that reflect our own choice, at a time and place that suits us.” (CLARK, 2006, 5).

Em Portugal, atualmente, a literatura infantil e a literatura juvenil ainda designada por literatura infanto-juvenil, ou seja, respetivamente, o “conjunto de obras que foram especialmente concebidas para crianças”, “para os jovens” e “as obras que os jovens adotam independentemente de terem ou não sido escritas propositadamente para eles.” (FARIA, 2008, 759), constitui uma oferta diversificada em géneros, temáticas e suportes. A leitura acontece de forma múltipla: nos ecrãs de diversos dispositivos e sob a forma impressa. As bibliotecas públicas devem ser capazes de integrar todas estas manifestações onde a leitura acontece.

A Casa da Leitura, um projeto desenvolvido em 2009, propõe uma categorização de leitores que diz respeito ao grau de desenvolvimento das competências leitoras diferente em cada criança. A idade não constitui um indicador do nível de leitura: “Podemos ter leitores medianos no 4º ano de escolaridade (9-10 anos) e no secundário... aos 15 anos”, bem como, os leitores autónomos: “Aos 15 anos, finda a escolaridade obrigatória, os jovens deveriam, em teoria, ser leitores autónomos, mas não é isso que acontece” (CASA DA LEITURA). Assim, os **pré-leitores** são: “crianças em fases distintas de aproximação à leitura, que podem usufruir do livro através das imagens e da repetida recriação de leituras. Se algumas tratam ainda o livro como brinquedo, outras sabem que encontram ali algo mais e solicitam, por isso, ajuda ao adulto.” Os **leitores iniciais** são: “crianças com pouca experiência de leitura, que não leem automaticamente. Daí precisarem de textos com frases curtas e pouco complexas. Carecem ainda muito da presença afetiva do mediador, quer para auxiliar na leitura e compreensão, como para associarem leitura à fruição de prazer”. Os **leitores medianos** são: “crianças ou jovens que conseguem ler e compreender, com alguma facilidade, textos de extensão e complexidade correspondentes à faixa etária e escolar em que se encontram.” E, por último, os **leitores autónomos** são: “crianças ou jovens que conseguem ler e compreender, voluntariamente e sem dificuldades, qualquer tipo de texto (informativo, poético, literário, ensaístico), sendo ainda capazes de sobre ele emitir um juízo crítico ou confrontá-lo com a sua experiência”. Os mediadores da leitura devem

ajudar as crianças (desde a primeira infância) e depois os jovens, ao lerem para e com elas, a desenvolverem “um projeto de leitor, a ansiarem por ler de forma autónoma”, enaltecem as autoras Fernanda Leopoldina Viana e Carla Rocha (in GONÇALVES et al., 2007, 18).

Mas a dúvida, por vezes, instala-se: onde começa o jogo? Onde inicia a leitura? A literatura infanto-juvenil, em particular, tem sabiamente conjugado as duas vertentes: a da aprendizagem e a da ludicidade, produzindo literatura de qualidade, nomeadamente, sob a forma impressa. A dimensão lúdica aporta, às ações de promoção de leitura, a diversão tão necessária às crianças e jovens pois, para alguns, a atividade de leitura, representa, trabalho, esforço, obrigação e dificuldade: “Quem não ficou com aversão a um determinado livro apenas porque o leu prematuramente e em contexto escolar?” (VIANA & MARTINS in RIBEIRO, 2009, 36).

Assim, através do jogo, pode ocorrer a descoberta do prazer pela leitura e esta descoberta, deverá passar por uma relação afetiva: “mundos das cores, dos cheiros, das sensações, das emoções, dos afectos... porque queríamos que as crianças desenvolvessem uma relação afectiva com a leitura e a escrita (GONÇALVES et al., 2007, 21) e “O entusiasmo dos jovens era extraordinário. E contagioso [...] A tal ponto se afeiçoaram que vários pais confidenciaram que “o pior castigo que lhes podiam dar era dizer-lhes que não os deixavam ir ao Dar Vidas às Letras”. Para este resultado, muito contribuíram as animadoras ao promover uma relação que combinava autoridade e emoção. Respirava-se nas sessões de trabalho uma atmosfera de afectividade que quase raiava o excesso, mas um excesso que era factor de adesão, comunicação e união.” (GONÇALVES et al., 2007, 68). Da mesma forma, Conceição Rolo e Clara Silva (RIBEIRO, 2009, 124), explanam a “aproximação afectuosa à leitura”, indicando que o desenvolvimento equilibrado de uma criança depende intrinsecamente de um ambiente “caloroso”, “capaz de mobilizar o afecto”, através da “aproximação afectuosa”, dos “laços de afecto” e da “escola amiga das crianças, como propõe a UNESCO”. As autores citando João dos Santos: “o maravilhoso dos contos tradicionais, se tiver um bom e afectuoso narrador, tem tudo o que é preciso para estimular o sonho, a fantasia, a sabedoria e o saber da criança e do homem” (SANTOS citado por ROLO in RIBEIRO, 2009, 121). Referimos ainda o projeto “O meu brinquedo é um livro” cujo objetivo é realizar a promoção da leitura, a partir do berço, e em que a designação do projeto enaltece o livro como um objeto, absoluto de diversão, tal como o é o brinquedo. Prole, sustenta também: “A condição primeira para se ser um mediador de leitura é ser-se leitor e estabelecer com os leitores ou potenciais leitores uma relação de cumplicidade e afectividade através da partilha de estórias” (PROLE, 2008, 2).

Citando, Matilde Rosa Araújo, a criança e o jovem “para ler... precisa de livros; para ler... precisa de um ambiente lúdico e sério; para ler... precisa de estar com um livro como com um amigo. Que a criança seja educada num ambiente de afetos e não uma pedagogia de recados. Faria votos pela felicidade. Assim é capaz de chegar à leitura... e chega mesmo!” (Declarações de Matilde Rosa Araújo ao Projecto “na_tua_escola”, da Associação de Professores de Português, em 11 de

Março de 2003).

Para além das atividades de promoção de leitura, nas quais, através do jogo, o foco está sempre na leitura, podem ainda serem propostas atividades de responsabilidade social, tal como refere Poslaniec. Nestas atividades, as crianças são desafiadas a intervir participando através da sua ação e opção, aconselhando e influenciando os seus pares para a leitura. Em suma, as atividades de promoção da leitura devem ser inseridas numa estratégia global cujo objetivo deve ser sempre o de incentivar nas crianças e nos jovens o prazer da leitura.

Poslaniec agrupa, sob quatro categorias, as **atividades de promoção de leitura**. Em primeiro lugar, as **atividades de informação** que têm como objetivo permitirem às crianças e jovens a descoberta do maior número possível de obras, com o intuito de que aconteça o encontro decisivo de um leitor com uma obra, ao mesmo tempo que, de forma lúdica, ocorre a reconciliação das crianças com a leitura, pois há crianças que não gostam de ler e estão convencidas de que não existem livros suscetíveis de as interessar. As **atividades lúdicas** têm como propósito invocar o direito de brincar para obter prazer. Este argumento convence o público-alvo, em vez de lhe ser dito: “se lerem sentirão prazer”. A penúltima categoria diz respeito às **atividades responsabilizadoras** às quais as crianças e os jovens aderem, de forma espontânea, dando o exemplo aos pares, como agentes ativos e influenciadores. Finalmente, as **atividades de aprofundamento** nas quais são explorados os níveis de leitura presentes numa mesma obra e que podem ser utilizados pelas diferentes categorias de leitores, de acordo com a classificação proposta pela equipa do Projeto da Casa da Leitura, já explanada. A título exemplificativo, indicamos que pode tratar-se da adaptação para a rádio de um texto impresso. Estas atividades, pelo facto de não serem obrigatórias, motivam intrinsecamente as crianças que aderem livremente às diferentes etapas de trabalho apreendidas de forma lúdica.

Neste artigo pretende ser explorada uma tipologia documental muito específica: o livro animado. Numa época em que o mundo virtual tem conquistado um lugar cada vez mais importante, a animação do livro impresso, em particular, no que à literatura para crianças e jovens diz respeito, representa uma renovada forma de dinamização das histórias a explorar de acordo com os níveis de desenvolvimento das competências leitoras de cada criança e jovem (CASA DA LEITURA) e o tipo de atividade que pode ser proposto (POSLANIEC), sendo que uma mesma atividade pode, em si, compreender várias. Por exemplo, as atividades lúdicas, podem simultaneamente serem atividades de informação.

Denomina-se, neste artigo, o termo **livro animado** para designar este género de documento, que existe desde a Idade Média e que se apresenta sob a forma de um livro tridimensional, em que o volume, a profundidade e o movimento animam o texto e as ilustrações. O livro animado oferece uma série de potencialidades ao nível da interatividade de leitura. São apresentadas, de seguida, a riqueza e a diversidade do livro animado nas suas múltiplas dimensões: histórica, técnica, editorial, internacional e artística; potenciadoras de ações de dinamização de leitura junto dos leitores, contribuindo, desta forma, para o cumprimento da mais importante

missão das bibliotecas públicas: a formação de leitores. São inúmeros os termos que servem para identificar esta tipologia de documentos: o que revela o elevado interesse por este recurso impresso e ainda as potencialidades que parecem infinitas para animar um livro. Dos livros em movimento, móveis, animados, livros com sistemas, do género *pop-up*, livros de artistas, o certo é que se trata de livros mágicos, misteriosos, lúdicos, humorísticos, alguns de carácter assumidamente didático, com texturas, cores, jogos de perspectivas e volumes, ilusões de ótica, ilustrações movediças, persianas, janelas, relevos, esconderijos, dobras, buracos, transparências, sombras, encaixes, capazes de reproduzir o movimento através de estruturas de construção simples ou complexa e que interpelam o leitor. Procura-se introduzir no livro, o movimento, a ação. “Car le malheur du livre, c’était son inertie”: porque o infortúnio do livro, era a sua inércia (SICARD citado por PELACHAUD, 2010, 12). O leitor surpreende-se a cada dispositivo animado e torna-se um verdadeiro ator do livro. O livro animado suscita a interação e a imaginação do leitor independentemente da sua idade. É preciso, ver, tocar, manipular, ouvir e agir! O mediador e o leitor participam da mesma magia tridimensional. O dilema ver ou agir é inexistente, a vontade de manipular o livro animado prevalece. O leitor é ativo.

Hoje os livros animados impressos ganharam um novo fôlego com o aparecimento dos livros digitais. Aparecem com mais engenho em termos gráficos, potenciado pelos novos suportes: espelhos, transparências, plástico. A oferta é extremamente criativa e os leitores / espectadores ficam deliciados com a interatividade das mais recentes propostas tridimensionais que são editadas. O livro animado torna-se um objeto de arte enquanto escultura de papel, ultrapassando a dimensão tradicionalmente lúdica para assumir plenamente uma dimensão estética, onde a forma é esculpida e transformada. No ambiente digital, as metamorfoses parecem ser inesgotáveis e o livro animado só não consegue sair da tela. As técnicas de fabrico e de impressão acompanham esta evolução interagindo com os diversos sentidos do leitor, o olfacto (há perfumes que impregnam o papel), o toque, a visão e a audição e, para os leitores mais novos, o paladar é fortemente solicitado com livros preparados para serem mordiscados ou levados para o banho. “Si le livre veut perdurer, il devra être mobile”: se o livro [impresso] quer perdurar, deverá ser animado (SICARD citado por PELACHAUD, 2010, 14). A ilustração cumpre uma importante função. O texto é sublimado. “Car l’image, surtout lorsqu’elle s’anime, est un excellent médium : elle parle à tout le monde, de façon immédiate, abolit l’obstacle de la langue, atténue le clivage entre les cultures populaires et cultures savantes”: a imagem animada é compreendida por todos, de modo imediato, sem a barreira linguística e atenua a clivagem entre as culturas populares e as culturas eruditas (NICAISE citado por PELACHAUD, 2010, 37).

Devemos ainda distinguir entre os livros animados, aqueles que se preocupam com as questões da animação e do efeito que provocam: a surpresa, o humor, o suspense; enquanto outros têm como objetivo a manipulação *stricto sensu* (PELACHAUD, 2010, 39). Esta tipologia documental tem servido frequentemente de mero elemento decorativo nas bibliotecas portuguesas, por vezes, até colocada no topo das estantes para não ser alcançada – ou mais dificilmente.

Serve para decorar e não pode ser manipulada, exceto sob supervisão ou, pelo menos, com algum controle, devido ao receio de ficar danificada. Tem sido ainda observado a colocação do livro animado em vitrines (discretas porque pequenas), fechadas. É ainda um recurso cujo empréstimo domiciliário está normalmente vedado. Acredita-se que existe um importante trabalho que deve conduzir ao maior conhecimento dos profissionais, bibliotecários, mediadores de leitura para a exploração desta tipologia documental.

A partir da primeira metade do século XIX, em particular na Alemanha surgem, dirigidos aos leitores infanto-juvenis, estes **álbuns**, na aceção da equipa da Casa da Leitura: “livro no qual a ilustração desempenha um papel tão importante como o texto na veiculação de uma determinada mensagem. As duas linguagens que compõem o álbum, verbal e visual, convergem na construção de uma história e não poderão funcionar separadamente”. No entanto as origens, de cariz científico e destinadas a um público adulto, remontam à Idade Média com manuscritos que continham figuras da anatomia e astronomia com abas que poderiam ser levantadas (Desphaera Mundi de Johannes de Sabrosco, 1230, tal como está parente no catálogo da exposição do Musée de l’Imprimerie en Lyon). O primeiro livro animado é atribuído a Pierre Apian. *Cosmographia*, publicado em 1524, com discos móveis que representavam os movimentos celestes (PELACHAUD, 2010, 42).

O conceito de arlequinadas constituem processos utilizados em livros destinados às crianças e jovens, no entanto sublinha, Pelachaud, o seu uso foi durante muito tempo restrito aos adultos. Assim, em 1765 em Londres, Robert Sayer, criou um livro em que a história era contada através de ilustrações móveis que o leitor manipula, sendo o próprio construtor da história. As páginas estão cortadas em várias partes e reconstituída a narrativa através do leitor-manipulador. É exemplo desta técnica, as silhuetas às quais se sobrepõem roupagens de papel, por exemplo.

Lothar Meggendorfer (1847-1925), na Alemanha, inventa um sistema com o qual as diferentes partes do corpo de uma personagem movimentam, dando realmente vida aos cenários e às histórias. Ficou célebre a obra: *Internationler Zirkus* (1887-88) com 450 personagens. Devido às duas grandes guerras mundiais do século XX, a produção destas obras foi praticamente inexistente, tendo ganho um novo fôlego a partir dos anos 60 (séc. XX). De seguida, listamos alguns autores que a partir do século XX têm contribuído para enriquecer esta tipologia documental. Tal listagem, não exaustiva, tem sobretudo como propósito dar a conhecer alguns dos autores, artistas e ilustradores que se ocupam/aram deste género de livros: Vojtech Kubasta, Jan Pienkowski, Briggs, Diaz, David Pelham, Ron van de Meer, John Strejan, David Kirk, B. Svensson, Kveta Pacovska, Matthew Reinhart, Camille Baladi, Bruce Foster, Kees Moerbeek, Keith Moseley, Janeiro Pienkowski, Gaëlle Pelachaud, David A. Carter, Bruno Munari, Robert Sabuda.

No processo de realização dos livros animados, distinguem-se: os livros com relevos e abas que proporcionam um efeito de volume ou movimento e os livros sem relevos, aparentemente mais simples, constituídos por dobragens, abas, imagens sobrepostas, recortadas e transparências.

Pelachaud propõe uma categorização das técnicas utilizadas: **pop-up** – termo anglófono que significa

“saltar para a frente”, abrange, para simplificar, todos os livros com relevos; **janelas** – elementos que são levantados e que dissimulam texto ou ilustrações; **aba** – acionar esta aba, provoca um ou mais movimentos (abrir/fechar, subir/descer, avançar/recuar, avançar/virar, levantar em qualquer sentido: horizontal, vertical em diagonal...) e uma alteração ao nível da imagem que permite observar uma outra faceta da situação representada, **perfurações** – uma parte da página é inexistente, permitindo diversificar os cenários e antecipar a história; **transparências** – consistem na sobreposição de transparências nas quais constam ilustrações que se adicionam ou subtraem a fim de revelar determinados elementos: opostos, cores, quantidades, espaços; **sons** – certas dobras produzem som ou a pressão de alguns dispositivos que emitem som ao longo da história; **texturas** – são utilizadas matérias como o plástico e os tecidos nos álbuns de cariz tátil.

Na categoria de livro animado, constam ainda os *flip books*. O livro é animado através da foliação numa quase simultaneidade que confere a sensação do movimento às ilustrações que desfilam como se tratasse de um filme ou de um desenho animado.

Os livros animados interpelam vários sentidos: a visão, o tato, a audição, o olfacto e dão vontade de serem lidos, manipulados. Os autores e ilustradores desafiam o leitor que se surpreende com a enorme criatividade das publicações. O leitor é ativo e a sua imaginação é estimulada, ao mesmo tempo que se retém a sua atenção através do efeito surpresa que as animações vão desvendando ao longo da obra.

As maquetes são calculadas ao milímetro, e cada um dos procedimentos utilizados tem de funcionar perfeitamente, para garantir que resista ao tempo e à manipulação. A conceção tende a ser europeia e norte-americana enquanto a produção, de caráter comercial, por exigir uma construção de cada exemplar publicado, é realizada nos países onde a mão-de-obra é mais barata. Há ainda os livros com uma tiragem diminuta para ser possível explorar as potencialidades do papel e as diversas e complexas técnicas de montagem, numa opção do artista.

A Associação Internacional: The Movable Book Society (www.movablebooksociety.org), reúne os colecionadores do mundo inteiro, organizando encontros e exposições. É ainda atribuído por esta associação, o prémio *Meggendorfer* que visa distinguir uma obra de mérito na engenharia do papel publicada nos últimos dois anos. Em todo o mundo, assiste-nos, nos últimos anos, a uma efervescência ao nível deste tipo de publicação. As editoras renovam a possibilidade de reeditar os clássicos, para o maior prazer dos mais novos e dos adultos. Em Portugal, a reedição de clássicos e as publicações de livros estrangeiros não escapam a este fenómeno.

De seguida, apresenta-se uma lista por editora, de alguns livros animados selecionados em português, em função da conceção e adaptação de atividades de promoção de leitura em desenvolvimento (no projeto Conta comigo! que será explanado neste artigo):

Assírio & Alvim - Enciclopédia Pré-Histórica: Dinossáurios - Robert Sabuda, Matthew Reinhart – 2007 - “...volume da Enciclopédia Pré-Histórica, dedicado aos Dinossáurios, com adaptação para português do especialista professor Galopim de

Carvalho, apresenta o essencial das descobertas da Paleontologia, no que a este assunto diz respeito, mas de um modo que literalmente salta aos olhos. Abrir cada dupla página é deixar que cresça em pop-up um magnífico exemplar das diferentes espécies de dinossáurios, mas para algumas das sintéticas e bem-dispostas explicações “acontecem” vários outros num total de mais de 35 pop-ups. Se os textos além da informação possuem sentido de gosto, o mesmo revelam as ilustrações que respiram muito para além da mera representação realista. Quantos sonhos, pesadelos e vocações não nascerão destas páginas?” Fonte Casa da Leitura

Booksmile - Gingão! - Rufus Butler Seder – 2010 - “Algumas das ilustrações são baseadas no trabalho de Eadweard Muybridge (1830-1094), pioneiro da animatografia.” Fonte: publicação; “Desenhos verdadeiramente animados” Fonte Jornal Público, na contracapa do livro

Bruaá:

1) Na floresta da preguiça - Anouck Boisrobert; Louis Rigaud – 2012 - “Jogo de descoberta de um verdadeiro mundo de detalhes da fauna e flora amazónica. Transformados em exploradores, procuramos uma preguiça, um animal indefeso e alheio à eminente destruição levada a cabo pelas ruidosas máquinas dos madeireiros.” (fonte editora);

2) Na noite escura - Bruno Munari - “Um objecto que reconfigura a relação com o leitor ao aliar o lado visual ao desafio proposto pelos próprios materiais que formam o livro, os quais, graças às suas características, passam também eles a ser agentes da narração: a representação da noite pelo papel negro, o romper do dia pelo delicado papel vegetal e um papel reciclado que nos leva, através de um cortante, ao interior de uma gruta” (fonte editora);

3) Isto ou aquilo - Dobroslav Foll – 2011 - “Sobrepondo sobre a ilustração um acetato raiado, e deslocando-o para a esquerda ou para direita, descobrem-se duas imagens diferentes na mesma página: uma cegonha que se transforma numa tesoura, uma borboleta em livro, um serrote em crocodilo, etc. Esta técnica, bastante usada nos países de Leste entre os anos 60 e 80, foi criada pelo artista checo Jirí Kolár e é apelidada de Rollage, podendo ser apreciada em algumas das obras deste artista.” (fonte editora);

4) Popville - Anouck Boisrobert; Louis Rigaud – 2010 - “Simultaneamente singelo e sofisticado, este livro «pop-up» representa a materialização do nascimento e do crescimento de uma cidade. Partindo de um campanário de uma igreja, edifício após edifício, casa após casa, as formas predominantemente cúbicas multiplicam-se com equilíbrio e seguindo uma geometria muito estimulante. As ideias de edificação e de comunidade sustentam este objecto estético, uma representação visual em volume cuja chave interpretativa pode ser também encontrada num texto final muito descritivo e marcado pelo sensorialismo. | Sara Reis da Silva” (fonte Casa da leitura);

5) O arenque fumado - André da Loba - Livro surpreendente com recortes e jogos de dobragens, ilustrado por André da Loba, a partir de um poema do francês Charles Cros.

Civilização Editora - Charlie e a Fábrica de Chocolate - Roald Dahl, Quentin Blake – 2011;

Editorial Presença:

1) O Príncipezinho - O Grande Livro Pop-Up - Antoine de Saint-Exupéry – 2009 - Uma outra forma de viver a

história do Príncipezinho...

2) O capuchinho vermelho - Louise Rowe – 2010 - Uma adaptação do conto tradicional O Capuchinho Vermelho, com ilustrações em tons de sépia

3) A bela adormecida - Louise Rowe – 2011 - O conto tradicional: A bela adormecida surge aqui também com ilustrações em tons de sépia, que extravasam as páginas
Gailivro - Fábulas de Esopo - Moerbeek, Kees; Chris Beatrice – 2011

Kalandraka - A toupeira que queria saber quem lhe fizera aquilo na cabeça - Wolf Erlbruch - Livro desdobrável. "...um tema aparentemente tabu e excluído do universo da produção literária, é trazido para a produção de potencial recepção infantil, é recriado com originalidade sob a forma de uma narrativa que também assenta no mistério. As ilustrações, quase todas de grande plano, representam com fidelidade as personagens e as suas ações, completam o sentido do texto e preenchem vários dos espaços em branco ajudando o leitor a visualizar elementos que surgem apenas sugeridos na componente verbal." (excerto) Ana Margarida Ramos, Casa da Leitura;

Pato Lógico:

1) Estrambólicos - André Letria e José Jorge Letria – 2011 - "Neste livro há dezasseis Estrambólicos que se dividem em três e se combinam entre si. São dezasseis estrambólicos ao cubo, o que dá 4096 Estrambólicos para descobrir à medida que se viram as páginas. São muitos Estrambólicos num livro só. Diverte-te e não te assustes com as surpresas." Fonte: introdução do livro;

2) De caras - André Letria e José Jorge Letria - "Com um simples virar de página, nomes invulgares combinam-se com diferentes expressões, cortes de cabelo, barbas ou bigodes. Há bocas a sorrir e olhares zangados, cabelos de risco ao lado e risco ao meio. Também há os carecas, claro! São dezasseis caras que se dividem em três e se combinam entre si. Ou seja, dezasseis caras ao cubo que se transformam em 4096 combinações possíveis". Fonte: editora

3) Destino - André Letria - "Um homem a olhar para o horizonte pensa no seu destino. O que será que lhe vai acontecer? Página a página, uma pequena história para desdobrar até à surpresa final." Fonte: editora;

4) Incómodo - André Letria - "Incómodo é uma mosca a voar, que incomoda. Voa para a esquerda, voa para a direita. Voa em círculos, voa a direito, para cima, para baixo, sempre a zumbir. Até que algo inesperado acontece. Página a página, descobre-se uma pequena história para ir desdobrando até à surpresa final." Fonte: editora.

Planeta Tangerina - Todos fazemos tudo - Madalena Matos – 2011 - "...sensibilizar as crianças em idade pré-escolar para a igualdade entre homens e mulheres, qualquer que seja a sua origem [...] neste livro não há atividades especiais para meninos e meninas, para mais velhos e para mais novos, para pais e para mães. Aqui todos fazemos tudo." Fonte: publicação.

Optamos ainda por destacar, embora de forma breve, a obra de Bruno Munari (1907-1998) que referiu: "une surprise trouvée dans un livre quand on est tout petit conduit à la recherche toute sa vie dans les livres" (TOULOUSE. MAIRIE. Bibliothèque de Toulouse, 2010, 23): uma surpresa encontrada num livro quando somos muito pequeninos, conduz a procura-la toda a nossa vida nos livros. O catálogo resultante de uma

exposição realizada em 2010 em Toulouse, detalha a obra do artista Bruno Munari. Publicou cerca de 150 livros, dos quais, trinta destinam-se às crianças e jovens. Este autor convida estes últimos a serem os atores e a construir de forma lúdica, a sua própria interpretação do objeto-livro. Em português está publicado "Na noite escura" pela Bruuá.

Apresentamos de seguida, o projeto: "Conta comigo!" desenvolvido na senda de duas ações de formação que integraram a carteira de ações de promoção da leitura, da Direção-Geral do Livro e das Bibliotecas – Itinerâncias 2010, ocorridas nesse ano e até 2011 (Biblioteca Viva e Encontro com as Palavras). Nestas ações realizadas numa dezena de bibliotecas, principalmente da região norte, ficou patente, em muitas delas, a grande demanda de metodologias para conquistar e deliciar leitores, quando muitos deles, em particular, os mais novos, são facilmente seduzidos pelas propostas interativas das novas tecnologias. Estes diferentes suportes não são antagónicos. Coexistem na sociedade e devem ser integrados nas propostas de promoção da leitura nas bibliotecas públicas.

O projeto "Conta comigo!" pretende assim fazer descobrir aos leitores potenciais e reais das bibliotecas públicas, os livros animados. De facto, a estrutura interativa e a dimensão do espetáculo contida nos livros animados oferecem uma ampla possibilidade de manipulação, de partilha e de jogo que se assemelham às técnicas encontradas nos dispositivos digitais.

No projeto: "Conta comigo!", o livro animado aparece pois, como um inovador evento de leitura nas bibliotecas públicas, podendo ocupar um lugar nobre nas horas do conto e ser possível congregar, ao seu redor, uma série de renovadas atividades que têm como objetivo recentrar os leitores, em particular os mais novos e os jovens, nas histórias e no cerne da atividade desenvolvida nas bibliotecas públicas: formar leitores!

Neste projeto, ainda em desenvolvimento, são dadas a conhecer às crianças e aos jovens as histórias que povoam o livro animado. Aos técnicos é dada a possibilidade de conhecer os autores, os ilustradores, os títulos e histórias, bem como as diversas técnicas e atividades de promoção de leitura que estas publicações proporcionam. A interatividade proporcionada pelo movimento potencia a manipulação, o jogo teatral e a espetacularidade de cada livro proposto às crianças e aos jovens. Os livros permitem vários níveis de leitura, podendo ser adaptados dos pré-leitores aos leitores autónomos (CASA DA LEITURA).

Independentemente da idade das pessoas que admitem não gostar de ler, há sempre algo que pode ser empreendido para que descubram este prazer (POSLANIEC, 2010, 22). Através do exemplo que os mediadores de leitura possam dar ao lerem, os jovens, tendencialmente vão procurar obter o mesmo prazer (POSLANIEC, 2012, 146). Como reivindicar, sem nunca impor ou obrigar: o verbo ler não suporta o imperativo (PENNAC, 1992, 13), se não veem nos adultos um exemplo do prazer que apregoam ser a leitura? E se, em vez de exigir leitura, o professor decidisse subitamente partilhar o seu prazer de ler? propõe ainda Pennac. Para Fernanda Leopoldina Viana e Maria Marta Martins: "Fazer saber que os professores são leitores é, talvez, uma das estratégias mais eficazes para formar leitores nos dois primeiros ciclos do Ensino Básico. Este conhecimento exige que os professores também partilhem as suas leituras com os alunos e que

promovam a circulação de livros e o debate sobre o que é lido.” (in RIBEIRO, 2009, 37). António Prole sustenta, por seu lado que “qualquer mediador de leitura tem que ser, antes de tudo, um modelo de leitor/lector junto do aprendiz de leitor (PROLE, 2008, 2).

O livro animado, esta proposta editorial interativa contém inúmeras possibilidades de exploração na biblioteca pública (e escolar). Foi nosso objetivo, destacar especificamente o livro animado, colocando-o como um género que deve ser objeto de leitura de *per si*, conferindo vida e dinamismo às histórias e mais do que rivalizar com as propostas interativas digitais, aportam um renovado e salutar fôlego aos livros impressos e às atividades de promoção de leitura.

“Vários estudos têm demonstrado que quem ganhou o gosto de ler teve livros ao alcance da mão, em casa, ou numa biblioteca próxima... mas sobretudo, teve, quase sempre, alguém que lhe contasse e/ou lesse histórias... Alguém que desse voz ao livro” (ROLO in RIBEIRO, 2009, 120).

Em síntese e compartilhando a ideia inicial que expusemos neste artigo, acerca do encontro decisivo entre um leitor e um livro, Poslaniec indica que é porque desconhecemos quando tal poderá acontecer que a única forma consiste em multiplicar as oportunidades para este encontro ocorrer ao multiplicar os livros, multiplicar as atividades de promoção da leitura e propor livros de leitura múltipla.

No término deste artigo, queremos citar Rui Marques Veloso que lança um apelo aos professores, apelo esse que tomo a liberdade de o estender a todos os mediadores da leitura: “peço aos colegas, para quem a literatura não é matéria importante, que reflectam no que consideram ser a sua realização profissional. Será que não pretendem que as crianças que estão a educar sejam dotadas de uma imaginação viva, de uma criatividade surpreendente, de uma sensibilidade apurada, de uma enorme vontade de querer ler e de querer saber, de uma capacidade comunicativa marcante, enfim, de uma espantosa capacidade de nos surpreender?” (2001, 6). O artigo em questão debruça-se sobre o universo dos livros existentes nos Jardins de Infância, num estudo datado de 2001, e que “são escolhidos sem qualquer critério, penalizando a ficção e, sobretudo, a poesia, o que inviabiliza a desejada fruição estética por parte das crianças; a agravar a situação, não há a hora do conto com o necessário ritual para a vivência mágica desses momentos únicos.” (2001, 1).

Para Henrique Barreto Nunes: “a biblioteca é um direito reconhecido a todos os portugueses, de que estes podem livremente usufruir ou devem reivindicar quando não existe” (1998, 181). Possam os tempos vindouros mostrar sinais de mobilização em prol do primeiro desiderato das missões da Biblioteca Pública: “criar e fortalecer os hábitos de leitura nas crianças, desde a primeira infância”. Não descuremos, pois, a mobilização profissional na força associativa, a participação em debates, conferências e congressos, o estudo e a formação contínua, a partilha de experiências e a troca de informação e conhecimento entre pares e finalmente, a intervenção, sempre que os direitos estabelecidos ameacem sofrer deploráveis retrocessos. Pois, tal como afirma teresa Calçada: “fazer leitores é algo que a sociedade não pode prescindir, pois o leitor será sempre o construtor da diferença” (in RIBEIRO, 2009, 8).

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Matilde Rosa – [Declarações de Matilde Rosa Araújo ao Projecto “na_tua_escola”, da Associação de Professores de Português, em 11 de Março de 2003]

ASSOCIAÇÃO DE PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO DE INFÂNCIA; ASSOCIAÇÃO DE PROFESSORES DE PORTUGUÊS - Projeto “O meu brinquedo é um livro” Projeto de Promoção da Leitura e desenvolvimento literário. [Em linha] [Consult. 22 de outubro 2012]. Disponível em: <http://omb.no.sapo.pt>

CASA DA LEITURA – Glossário. Perguntas frequentes. [Em linha]. [Consult. 22 de outubro 2012] Disponível em: <http://www.casadaleitura.org>

CLARK, C.; RUMBOLD, K. - *Reading for pleasure: a research overview. Summary*. London: National Literacy Trust. [Em linha] [Consult. 22 de outubro 2012] Disponível em

http://www.literacytrust.org.uk/assets/0000/0562/Reading_pleasure_2006.pdf

FARIA, Maria; PERICÃO, Maria da Graça – Dicionário do livro: da escrita ao livro electrónico. Coimbra: Almedina, 2008. ISBN 978-972-40-3499-7

GOMES, José António - Literatura para a infância e a juventude e promoção da leitura. [Em linha] [Consult. 22 de outubro 2012]. Disponível em:

http://195.23.38.178/casadaleitura/portalpha/bo/abz_indices/000791_PL.pdf [Texto revisto para a Casa da

Leitura em 12/05/2007 e originalmente para: Promoção da leitura: balanço e perspectivas, Ponte de Lima, 14/3/2006, encontro no âmbito do projecto Vale de Letras, da Valimar (Associação de Municípios do Vale do Lima).

GONÇALVES, Albertino ; VIANA, Fernanda Leopoldina ; Dionísio, Maria de Lourdes da Trindade – “Dar vida às letras : promoção do livro e da leitura”.

Valença : Comunidade Intermunicipal do Vale do Minho. 2010. ISBN 978-989-95591-0-3. [Em linha] [Consult. 22 de outubro 2012]. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/11801>

MACIEL, Jacinta – Bibliotecários: entre a conduta deontológica e a força da censura. *IN'CID REVISTA DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO E DA DOCUMENTAÇÃO*. Porto. Nº1 (2004), p. 153-173. ISSN 1645-9334.

MIRANDA, Arménio – *Ignorância: Apologia da Ignorância Positiva*. [2012] *no prelo*.

MUSÉE DE L'IMPRIMERIE – *Quand les livres s'amusent: magie et surprises des livres animés d'hier et d'aujourd'hui*. Lyon : Musée de l'Imprimerie, 2012. ISBN 978-2-85682-018-6.

NUNES, Henrique Barreto - *Da biblioteca ao leitor: estudos sobre a leitura pública em Portugal*. 2ª ed. Braga : Autores de Braga, 1998. ISBN 972-82026-23-4.

PELACHAUD, Gaëlle – *Livres animés, du papier au numérique*. Paris : L'Harmattan, 2010. ISBN 78-2-296-13779-0.

PENNAC, Daniel – *Comme un roman*. Barcelone : Gallimard, 1992. ISBN 2-07-038890-5. [disponível em *língua portuguesa*].

POSLANIEC, Christian – *Donner le goût de lire*. Paris: Editions de la Martinière, 2010. ISBN 978-2-7324-4178-8.

PROLE, António – *Pepino torcido : conselhos teóricos para torcer o pepino*. Casa da leitura, 2008. [Em linha] [Consult. 22 de outubro 2012]. Disponível em:

http://195.23.38.178/casadaleitura/portalbeta/bo/abz_indices/001386_PT.pdf

RIBEIRO, Iolanda ; VIANA, Fernanda Leopoldina (Coord.) – *Dos leitores que temos aos leitores que queremos: ideias e projectos para promover a leitura*. Coimbra: Almedina, 2009. ISBN 978-972-40-4011-0.

TOULOUSE. MAIRIE. Bibliothèque de Toulouse – *Livres en forme(s): pop-up & Cie*. Toulouse : Mairie de Toulouse, 2010. ISBN 2-85322-072-9.

UNESCO; IFLA – Manifesto da UNESCO sobre bibliotecas públicas. [Em linha] 1994. [Consult. 22 de outubro 2012]. Disponível em:

<http://www.dglb.pt/sites/DGLB/Portugues/bibliotecasPublicas/Paginas/manifestoUnescoBibliotecasPublicas.aspx>

VELOSO, Rui Marques- Curtir Literatura Infantil no Jardim de Infância. Casa da leitura, 2008. [Em linha] [Consult. 22 de outubro 2012]. Disponível em: http://195.23.38.178/casadaleitura/portalbeta/bo/abz_indices/000792_CLI.pdf [Originalmente para: II Encontro Nacional de Investigação em Leitura, Literatura Infantil e Ilustração. E publicada em: *Leitura, Literatura Infantil e Ilustração. Investigação e Prática Docente 2*. Braga: Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho (ISBN 972-98757-4-X)].